

Capítulo 11

Vida na Igreja além do Alqueire (2)

Usando práticas devocionais corretamente

Anos atrás, minha esposa e eu estabelecemos uma breve amizade com outro jovem casal. Eles eram pessoas brilhantes e sensíveis que procuravam mais do que a comunhão presbiteriana tinha a oferecer. “Mas”, eles nos disseram, “não sabemos se a sua comunhão é uma alternativa válida para nós. Ouvimos dizer que as igrejas locais são bem estranhas. Desculpe dizer isso, mas não sabemos se poderíamos suportar suas reuniões”. Afastei as preocupações deles, assegurando-lhes que as preocupações eram equivocadas e que, além das leves excentricidades típicas de qualquer grupo cristão, éramos normais.

Era uma confiança ingênua de minha parte, porque eu tinha pouco ou nenhum contato com outros crentes, sem falar nas culturas de reunião deles. Isso significava que realmente eu não tinha dados para nenhum tipo de comparação informativa. Na maior parte, tudo o que eu possuía era a propaganda anticristianismo do Movimento Igreja Local. Sob essa influência, eu tinha certeza de que meus amigos veriam imediatamente a diferença refrescante entre os grupos superficiais que distorcem a verdade e que servem a si mesmos por aí e uma vida real na igreja. Não me passou pela cabeça o pensamento de que uma década de imersão na cultura da Igreja Local poderia ter levado minha consciência a coisas que pessoas de fora achariam bizarras.

No domingo da manhã seguinte, meus amigos apareceram. Eu os observei pelo canto do olho durante a reunião. Em algum momento dos primeiros minutos da Mesa do Senhor, suas curiosas expressões se fundiram em um sombrio olhar “eu te disse”. Os ritmos de nosso exercício espiritual lhes pareciam decididamente inquietantes – exatamente o que eles esperavam. Eu queria me retirar para o meu lugar favorito de culpar a herança religiosa deles. Afinal, o presbiterianismo não é conhecido por seus estilos explosivos de adoração. Eu esperava que eles achassem nossa abordagem improvisada para adorar emocionante. Não demorou muito tempo para eles perceberem que a aparência de espontaneidade entre nós era principalmente um conjunto de padrões de prática profundamente arraigados. Imediatamente após a reunião, o casal desapareceu, mas não antes de fazer uma rápida visita à biblioteca da igreja para confirmar sua outra suspeita – que éramos uma igreja de Witness Lee. Dei a eles a desculpa de que estávamos sobre os ombros dos que nos precederam para provar nossa inclusão, mas filas e filas de livros com um nome e uma editora reforçavam uniformemente a ideia oposta. Esse foi o golpe final. Nossa amizade esfriou consideravelmente, pois o casal suspeitava que tínhamos deliberadamente tentado enganá-los. Eles nunca mais confiaram em nós e, em pouco tempo, não estavam mais em contato conosco.

Como esse cenário se repetiu em minha vida inúmeras vezes ao longo dos anos com outras pessoas, comecei a me perguntar por que tantos visitantes concordavam que éramos estranhos. Sim, há o versículo em Atos que registra como falavam contra a igreja primitiva em todos os lugares (28:22). No entanto, acabei percebendo a ironia de usar essa passagem como consolo. Os críticos mais fortes das reuniões da Igreja Local não eram judeus ou gentios não salvos, mas a igreja. Os próprios redimidos, a igreja em geral que havia sido criticada em todos os lugares do livro de Atos estava agora falando contra as formas de reunião da Igreja Local. Naturalmente, nem todo cristão visitante foi sincero sobre isso. Muitos participaram de nossas reuniões e depois saíram silenciosamente, mantendo seus sentimentos para si mesmos. Mas onde quer que eu conseguisse ir além da polidez e obter feedback honesto, eu encontrava o desagrado moderado dos visitantes quase unânime. A verdade certamente não parecia boa. Em momentos de sinceridade desprotegida, os convidados se aproximavam de mim e diziam que não podiam fazer o nosso “exercitar o espírito”. Claro que não estavam o considerando um exercício do espírito. Eles estavam rotulando isso de estranho e cético.

Alguns dos itens questionáveis incluíam o comportamento vagamente descentralizado que mencionei no final do último capítulo. Os convidados perceberam o uso excessivo gratuito do nome de Witness Lee. Eles rapidamente marcaram hábitos como balançar de um lado para o outro e orar em tom de canção. Os visitantes que vieram algumas vezes começaram a perceber frases onipresentes como “estou profundamente impressionado” e testemunharam a declaração exagerada de estrofes de hinos. No entanto, entre essas peculiaridades e o número não mencionado, nada rivalizava com o senso de estranheza para pessoas de fora, como as práticas devocionais da Igreja Local. Essas exhibições públicas de invocar, “améns”, gritos e orar-ler serão comentadas mais tarde.

Uma admissão difícil

Sem dúvida, a Bíblia nos diz que pessoas almatícas ou carnisais acham as coisas de Deus tolas (vide 1Cor 2:14). Talvez todos os convidados em questão durante minhas décadas de experiência estivessem nessas categorias. O problema era que nossas reuniões eram especialmente hábeis em executá-las antes que tivessem a menor chance de se tornarem espirituais. Do meu ponto de vista, a esmagadora maioria de outras igrejas locais americanas teve o mesmo problema. Elas se tornaram portas giratórias. Os visitantes que conseguiam encontrar o caminho para as reuniões voltariam rapidamente a sair. Não conseguíamos entender. As pessoas estavam nos dizendo que desfrutavam das reuniões (acreditávamos nelas) e nunca mais voltavam. Alguns de nós tentaram dar uma guinada positiva no problema dizendo

que precisávamos melhorar nosso pastoreio. Se aprendermos a entrar em contato novamente com os visitantes e a cuidar deles, as coisas mudarão. Eu queria que isso fosse verdade. Mas na maioria das vezes, não era. Nenhum dos comentários sinceros dos visitantes que conseguimos obter criticou a falta de acompanhamento. Em vez disso, fomos informados de que as reuniões eram simplesmente muito estranhas. E, raramente, quando os convidados se sentiam seguros para fazê-lo, eles diziam muito pior.

Havia e continua havendo, é claro, aquelas pessoas ocasionais imperturbáveis pelas peculiaridades da Igreja Local. Eles abraçam alegremente todo o pacote de crenças e práticas da Igreja Local. Apenas o suficiente dessas pessoas amáveis existe para manter o movimento da Igreja Local nos negócios, pelo menos de forma incremental. A lei das médias sugere que, se alguém permanecer em qualquer empreendimento por tempo suficiente, ele conseguirá clientes, por mais impopulares que sejam os bens ou serviços que oferece. Sempre haverá um esquimó disposto a comprar um saco de gelo. É apenas uma questão de entrar em contato com eles o suficiente e convencê-los de que o suprimento abundante de gelo livre não é bom o suficiente. Uma igreja que tenta basear sua existência contínua nessa abordagem deve estar preparada para grandes quantidades de trabalho com retornos desanimadores (exatamente onde as Igrejas Locais vivem).

Depois de anos de produtividade na margem da pobreza, comecei a admitir de má vontade que algo estava errado. Aparentemente, as reuniões da Igreja Local que exerceram tal magnetismo em relação aos buscadores em uma era anterior haviam silenciosamente caído em extinção. Isso ficou ainda mais claro quando os santos que eu conhecia admitiram não deliberadamente convidar amigos e parentes por medo de ficar envergonhados. Lembro-me de desafiar um de nossos membros mais comprometidos a convidar seus colegas de trabalho, ao que ele respondeu: “Irmão, tenho que ser honesto. Eu amo a igreja aqui e todos os santos. Mas sou profissional e confio na minha reputação na comunidade para gerar clientela. Não posso me permitir levar meus amigos para uma reunião em que eles não entenderão tão facilmente o que está acontecendo.” Outros, com corações abençoados, ainda perseveraram. Um irmão em idade escolar na igreja finalmente teve coragem de levar um colega de classe para um evento juvenil tradicional da Igreja Local. O garoto visitante previsivelmente achou o “exercício” da reunião bizarra. Ele levou sua experiência de volta para a escola e a transformou em material para uma rotina de comédia – enquanto o irmão permanecia humilhado. A rejeição de grupos de pares é especialmente dolorosa para os jovens cristãos. É ainda mais desmoralizante não saber se alguém está sofrendo pelo nome de Cristo ou por alguma prática desnecessariamente peculiar.

O Movimento Igreja Local certamente tentou compensar as dúvidas de possíveis recrutas. Foram recrutados especialistas para testemunhar que as reuniões das Igrejas Locais

são normais. Técnicas foram utilizadas para manipular os mecanismos de pesquisa na web e, assim, enterrar avaliações negativas. A energia das relações públicas foi direcionada à obtenção de decretos favoráveis de revistas cristãs e faculdades bíblicas. Esta é a maneira do Living Stream Ministry – não ouça, aprenda ou faça ajustes significativos; em vez disso, tente substituir as observações do senso comum do público. Nosso caminho deve ser diferente dessa abordagem cosmética. Em vez de disputar uma mudança no nível das relações públicas, devemos fazer algo no nível da base em que os visitantes entram em nossas portas.

Quando práticas ajudam e prejudicam

Quando se trata de aumentar o nível de intensidade de uma reunião cristã, ninguém recebe um “A” por esforço como um membro da Igreja Local. Há algo de impressionante na determinação dos crentes que de repente podem começar a bater punhos e gritar com o máximo de seus pulmões. No entanto, a tentativa de tornar a reunião “viva” sem espontaneidade, emoção ou reação autênticas sempre parecerá estranhamente forçada.

As pessoas aceitam o fato de que as reuniões cristãs terão algum nível de entusiasmo com práticas como oração, leitura da Bíblia, pregação e canto. Mas elas também sabem intuitivamente quando algo cresceu de duas cabeças. Não é preciso ser um gênio para se perguntar por que as reuniões da Igreja Local se esforçam tanto para induzir a euforia religiosa. Se Jesus prometeu estar lá quando dois ou três forem reunidos em Seu nome, serão realmente necessários esforços e histriônicos tão trabalhosos para sentir Sua presença?

No entanto, as formas de adoração contraproducente continuam mesmo nas igrejas que começaram a se reunir à parte do sistema LSM. Estou convencido de que nada mais rapidamente sabota oportunidades com pessoas novas do que uma exibição do típico “exercício” da reunião da Igreja Local. Como essas práticas habituais não são controladas, é como um pelotão de bandeiras vermelhas correndo por uma colina em direção ao visitante praticamente gritando: “Estranho grupo! Grupo estranho!”

“Mas espere”, você diz: “Nossos hábitos podem ser peculiares aos outros, mas eles realmente me ajudaram. Além disso, eles são bíblicos”. Por favor, tenha paciência comigo por um momento. Não estou tentando descartar nada das escrituras. Eu nem estou tentando jogar fora as práticas não bíblicas que ajudam os crentes. A questão não é se as práticas são boas ou más, mas se elas são egoístas.

O modo típico como os cristãos pensam sobre suas reuniões é como um lugar para vir e adorar, ser renovado, edificado, aprender e ser incentivado. O apóstolo Paulo sem dúvida concordaria com essa mentalidade, mas acrescentaria o pensamento de *testemunho* à sua

expectativa de uma reunião cristã. Esse entendimento expandido vê a assembleia como um lugar onde os não-salvos ou os não instruídos podem chegar e talvez pela primeira vez serem expostos às realidades do Novo Testamento. Eventualmente, depois de terem lutado contra o desejo de ficar em casa, eles finalmente se unirão aos crentes e encontrarão algo compreensível e, no final das contas, algo que vale a pena receber. Nem todos os cristãos têm essa esperança em suas reuniões. Alguns pensam apenas na manhã de domingo como um momento para se divertir. A principal preocupação deles é o que eles conseguem com isso, em vez de Cristo ser exibido com competência para novos convidados.

A Bíblia aborda esse problema em 1 Coríntios 14. Ali Paulo descreveu o falar em línguas como uma prática benéfica para a espiritualidade individual dos santos, mas um desastre em potencial para as pessoas que saem da rua. De fato, Paulo poderia prever tanto problema para os visitantes que ele disse a respeito do falante de línguas que “se não houver intérprete, fique calado na igreja e fale consigo mesmo e com Deus” (1 Cor. 14:28). Sem o benefício da interpretação para entender o que foi falado aos visitantes na reunião, o conselho de Paulo era manter as línguas em exercício em silêncio. Aparentemente, na mente do apóstolo, nada poderia ser pior do que o povo de Corinto saindo de reuniões pensando que a igreja estava cheia de pessoas estranhas. Daí a preocupação dele: “não dirão porventura que estais loucos?” (1 Cor. 14:23). A questão não era se os santos obtinham algo de suas línguas, mas se a autobenefício espiritual deles acabaria neutralizando o testemunho do Senhor em Corinto.

A passagem de 1 Coríntios existe para realizar muito mais do que fornecer uma verificação para o falar em línguas fora de controle. Esses versículos representam a preocupação maior de saber se os visitantes podem entender o que está acontecendo em uma reunião cristã. É por isso que encontramos as frases “ninguém o entende” (v. 2), “um som incerto” (v. 8), “não sei o significado” (v.11), “meu entendimento é infrutífero” (v. 14), “ele não entende o que vocês dizem” (v.16). O foco está claramente na capacidade do hóspede de receber e assimilar o que está sendo dito. Eu acho que também é justo com o espírito do capítulo que o que está sendo feito e como é feito também faça sentido. É improvável que Paulo tenha ordenado palavras compreensíveis ao endossar um comportamento estranho e incompreensível.

A acusação do apóstolo deve ter sido uma pílula amarga para alguns coríntios naquela época. Eu podia imaginá-los, pelo menos em silêncio, resmungando sobre como eles gostavam de suas reuniões do jeito que eram e como seu desfrute espiritual estava sendo anulado. Talvez alguns deles tenham pensado de maneira acusatória: “Paulo, do que você tem vergonha? Não temos medo de deixar as pessoas ver quem realmente somos e como tocamos o Espírito!” Agora, talvez eu esteja exagerando ao sugerir esse tipo de reação. Os coríntios poderiam ter imediatamente ajustado suas reuniões sem nenhuma opinião. Mas, dadas as atitudes entre os

religiosos hoje, duvido. Algumas disposições da igreja declaram: “não mudaremos por ninguém!” – inobstante as instruções de Paulo sobre a reunião existam na Bíblia há 2.000 anos.

Quando um grupo tende a um caso amoroso intransigente com formas particulares de adoração, uma mentalidade inevitavelmente se desenvolve. Os membros verão as práticas especializadas como indispensáveis. Pensa-se que sem esses costumes típicos de grupo, as experiências espirituais de qualidade em uma reunião são praticamente inalcançáveis. Portanto, é provável que os membros não alterem nada sem algum tipo de clamor geral. Em vez disso, a estratégia para com os visitantes passa a ser incentivá-los a mudar. Participei de sessões como essas, nas quais testemunhamos para um “novo”, graciosamente admitindo que também achamos certas coisas estranhas nas reuniões da Igreja Local quando começamos a participar, mas que com tempo e paciência as superamos. “Apenas tente por um tempo”, diríamos. “Depois de tocar seu espírito, você entenderá.”

Paulo não aconselhou esse curso de ação em relação aos recém-chegados. Ele disse aos crentes coríntios que mudassem o que poderia confundir a pessoa típica que transitasse nas reuniões. Isso é terrivelmente difícil para nós entendermos. Como algo espiritualmente agradável poderia prejudicar os outros? De fato, uma vez que nos ajudou, isso deve significar que outras pessoas também se beneficiarão com isso. Infelizmente, alguns irmãos acreditam nisso com todo o coração e se justificam como exemplos da pessoa típica: “Eu simplesmente não entendo por que o exercício do espírito incomodaria alguém”, dizem eles. “Não me incomodei nada com isso.” O santo que diz isso, no entanto, não representa a pessoa típica.

Estatisticamente falando, algumas pessoas acham que línguas desconhecidas e exercícios espontâneos e selvagens são convidativos e até interessantes. No entanto, Paulo entendeu que não seria o típico coríntio. Ele antecipou que em Corinto, a pessoa comum não sairia com impressões favoráveis de “desfrute” na reunião da igreja. Sim, alguém poderia ter se oposto e dito: “Paulo, sou relativamente novo na igreja de Corinto e não tive problemas com falar em línguas. Achei desfrutável.” Mas Paulo não estava interessado nas pequenas porcentagens que poderiam dizer algo do tipo. Ele estava pensando na ampla seção transversal da população. Ele não havia permitido que sua própria experiência do Espírito o cegasse para o que as pessoas de fora ainda pensavam.

Alguns dizem (e eu realmente ouvi isso): “Esta é a igreja do Senhor Jesus. Se os pecadores não gostam, podem ir para o inferno.” E adivinhem? Eles vão – bem na sua cidade, no seu quarteirão, na sua rua, ao lado do seu ponto de encontro. Podemos nos chamar de igreja em qualquer cidade ou nos dar um novo nome e obter um local de encontro mais agradável, mas se as práticas repelentes de pessoas ainda fazem parte de nossa vida habitual de reuniões, as pessoas marcham pela porta da frente da assembleia e direto para trás. A cruz já é uma “pedra

de tropeço” para os homens naturais. Por que queremos instalar nossos próprios obstáculos e dificultar muito a entrada deles no reino de Deus?

Invocar o nome do Senhor

Invocar o nome do Senhor é uma prática profundamente bíblica e edificante. Pessoalmente, faço isso todos os dias da minha vida. Em algum lugar ao longo do caminho, porém, o Movimento Igreja Local conseguiu confundir o invocar bíblico com um invocar padronizado. Ou seja, gritando repetidamente em uníssono: “OOOOOOH, Senhoooooor Jesuuuuuuuus!” Agora não há nada de errado com um monte de pessoas que, de repente, acabam espontaneamente invocando o nome de Cristo. Mas não demorará muito para que alguém detecte quando é realmente apenas o hábito religioso de um grupo. Eu nunca encontrei um novato honesto que pensasse que entonações rítmicas e coreografadas eram genuinamente espirituais. De fato, desde o momento em que o invocar padronizado se tornou uma prática padrão nas reuniões, as pessoas o chamavam de canto. “Não, não”, protestamos vigorosamente, “não estamos cantando!” Então, continuamos fazendo isso, e eles continuaram chamando isso de cantar. Inclusive contamos com a ajuda de pessoas que estavam familiarizadas com o canto autêntico do Extremo Oriente para dizer que nosso invocar não era cantar. Temos especialistas em pesquisas de seitas para testemunhar que não estávamos cantando. E depois que toda a poeira baixou, as pessoas ainda disseram que cantávamos. Por quê? Porque nossa forma de invocar parece cantar. Realmente não importa quantos fatos possam ser agrupados em contrário. A percepção vencerá sempre. Os sinais de advertência que atacam os sentidos de um convidado em uma reunião terão dez vezes o peso de todas as “apologéticas” da Igreja Local combinadas.

Conclusão: se o visitante sente que você está cantando, você está cantando.

Isso não deve pôr em causa a prática bíblica de invocar o nome do Senhor. O que realmente deve ser questionado é a nossa maneira de fazê-lo. Raramente ocorre nos membros da Igreja Local que o invocar na Bíblia e o que chamamos de “invocar” possam ser duas coisas diferentes. Por exemplo, quando Abraão construiu um altar e invocou o nome do Senhor no capítulo doze de Gênesis, ele não estava necessariamente dizendo repetidamente em cadência rítmica: “Ó Jeovaaaaaaá, ó Jeovaaaaaaá”. Ainda assim, os membros bem-intencionados da Igreja Local usam essa passagem e dezenas de outras para apoiar o invocar o Senhor, que é para eles indistinguível de seu estilo peculiar de invocar.

Não tenho dúvida de que alguns santos realmente experimentam a presença do Senhor na forma da Igreja Local de invocar Seu nome. Também não tenho dúvidas de que, embora possa

edificar pessoalmente os crentes, tende a alienar e confundir hordas de visitantes. O que diria o apóstolo Paulo? Ele provavelmente não nos aconselharia a coletar um lote de versículos de “invocar” e depois discutir com os recém-chegados, pressionando-os a “apenas tente, você vai gostar”. De acordo com 1Coríntios 14, ele aconselhou os crentes a alterar a prática (abstenha-se de línguas a menos que haja interpretação) ou guarde-a para si mesmo (que fale consigo mesmo e com Deus).

Uma maneira recomendada de ajustar nossa forma de invocar tem a ver com não tentar coreografar a reunião inteira em um exercício unificado dele. Deixe que ocorra naturalmente pelo indivíduo. Além disso, em vez de dizer repetidamente “Ó Senhor Jesus”, podemos considerar invocar o Seu nome no contexto normal de orações e louvores (isto é, “Senhor Jesus, obrigado por sua grande salvação”). Isso faria mais sentido para os visitantes, incluindo os não-cristãos. E, aliás, “O” não precisa ser usado como se fosse parte do nome do Senhor. Os Salmos frequentemente empregam essa expressão com muito sentimento, mas não como uma forma. Enquanto estamos no assunto de endereços estruturados, mencionar o título “Senhor” também não é uma necessidade absoluta. Você pode simplesmente dizer “Jesus” sem cometer um pecado. O nome simplesmente ocorre na Bíblia antes e depois de Sua ascensão. Uma consideração final tem a ver com ajustes no volume de nosso invocar. O Senhor não tem dificuldade em ouvir. Invocar Seu nome funciona mesmo em um nível suave de conversação.

O Amém

O “Amém” é uma réplica audível que significa “Assim seja” ou “Eu concordo”. Idealmente, emana das profundezas espirituais e registra concordância com os outros ou com Deus. Infelizmente, a versão da Igreja Local do “Amém” assumiu uma forma distintamente mecânica que emprega ritmo e cadência muito mais do que uma resposta genuína. A prática da Igreja Local de dar o amém depende de uma parceria simbiótica com a prática da Igreja Local da oração. Ou seja, enquanto ora, uma pessoa instintivamente aprende a deixar um pequeno intervalo em intervalos de aproximadamente cinco segundos. Outros na reunião preenchem imediatamente a pequena pausa com um coro unido de amém. De todas as práticas, essa é a mais arraigada na *psique* dos membros da Igreja Local pelo simples motivo de sua repetição constante. Em uma reunião de oração de uma hora (permitindo pausas para outra pessoa orar), o ouvinte diz “Amém” centenas de vezes. Em termos matemáticos, ocorre mais de setecentas vezes em uma hora. Depois de ter feito isso por meses ou anos, outros estilos de oração que não utilizam essa forma de modo hiperativo parecem estranhos. De fato, há muito tempo é comum que os membros da Igreja Local sintam que a oração está morta se não for pontuada por

zumbidos de amens. Claro que isso tem muito menos a ver com “vida” do que com condicionamento.

A resposta mais comum à objeção ao uso excessivo do Amém é que o próprio Senhor é “o Amém” no livro do Apocalipse. Portanto, é bom dizer “amém”, tanto quanto se pode. Não há nada particularmente errado com esse raciocínio, mas participei de quase vinte e cinco anos de reuniões de oração em Igreja Local. Vi e senti como é tentar preencher todas essas lacunas de cinco segundos com um Amém. Às vezes, pelo Espírito Santo, eu dei um. Na grande maioria das outras vezes, eu estava tentando honrar a pessoa que estava orando (“sendo um com ele”, diríamos). No mínimo, eu estava simplesmente defendendo uma forma de igreja. Independentemente da intenção, o constante “amém” muitas vezes se tornava terrivelmente cansativo e entorpecido. Eu sabia que muitos que estavam sentados ao meu redor nessas reuniões deviam sentir o mesmo por causa da maneira como começariam a cair em amém automático, forçado, desconectado ou monótono. Se a pessoa que orava tivesse dito: “A lua é queijo azul”, a maioria das pessoas diria “amém” antes de perceber que algo estava errado!

Embora 1 Coríntios 14 mencione brevemente a oferta de “amém” nas reuniões da igreja, é impossível estabelecer a padronização da Igreja Local com base em informações tão leves. Ninguém pode dizer com certeza que os cristãos em Corinto estavam dando um amém rítmico a cada ligeiro intervalo e pausa na oração de alguém. Aliás, ninguém pode dizer se foi cantado, dito uma vez, em uníssono ou se foi sussurrado. Portanto, se mudarmos o hábito, não seremos culpados de trair nenhuma verdade sagrada. Isso é bom, porque provavelmente não existe uma prática de reunião da Igreja Local que mais necessite de reforma. O amém peculiar que permeia todos os cantos e espaços onde a oração pode ocorrer é a primeira pista do recém-chegado de que há algo definitivamente não ortodoxo em sua igreja. É a dica antecipada. Mesmo antes de ouvir algo negativo através da videira ou ver algo na Internet ou descobrir qualquer doutrina censurável, o visitante já experimentou algo estranho.

Um irmão me disse: “John, estou nos círculos pentecostais há muito tempo e tenho visto muitas coisas estranhas, mas esse canto constante de amém é realmente difícil de entender. Foi a coisa mais difícil de vencer, a fim de permanecer na igreja”. Como o amém da Igreja Local é uma peça de equipamento principal para aqueles que passaram anos na Igreja Local, é difícil diminuir o tom, muito menos parar. “Toco meu espírito quando faço isso”, proclamamos agitados. Mas, mais uma vez, o que estamos tentando fazer em nossas reuniões – satisfazer a nós mesmos ou efetivamente apresentar Cristo às nossas comunidades? À medida que nos aventuramos em uma era de maior potencial de fecundidade, essa é uma pergunta que deve ser respondida.

Um ajuste modesto à nossa forma pode ser reter o amém até o fechamento da oração. Quando fica claro que alguém concluiu, então as respostas podem ser dadas. Outra possibilidade

é abolir améns automáticos e habituais, e usar apenas com moderação, pois são subjetivamente provocados por dentro. Ou por que não responder com “Sim” ou “Eu concordo” ou “Sim Senhor!” Para evitar a resposta instintiva de um “Amém” rítmico uniforme? Em qualquer um dos casos, o efeito colateral positivo é que os ouvintes prestarão mais atenção às palavras e sentimentos das orações dos outros do que à cadência que os acompanha.

Gritar

Numerosas passagens, como “Clama e Grita” de Isaías (12:6), modelam as explosões devocionais de alegria que o povo de Deus às vezes experimenta. Talvez nada seja mais emocionante do que ser cheio do Espírito e depois derramá-lo em louvores exuberantes. Infelizmente, o Movimento Igreja Local conseguiu emprestar essa realidade simples e reduzi-la aos ossos do volume. Gritos de caixa fabricados tornaram-se sinônimo da frase “libere seu espírito”. (Curiosamente, o livro *Liberação do Espírito* de Watchman Nee, onde este termo parece ter tido sua gênese, não diz nada sobre gritar nas reuniões para alcançar essa liberação).

Não entenda mal essa palavra de abertura sobre gritar como um ataque total contra a adoração expressiva. Eu certamente não defendo a conversão de nossas reuniões em meros eventos cerebrais. Os visitantes geralmente podem aceitar os louvores alegres de uma congregação, desde que o contexto pareça justificá-lo. Por um lado, ele ou ela deve testemunhar a evolução da reunião e o motivo de nossa emoção. Talvez eles tenham visto o lento crescimento da apreciação através de algumas músicas e então uma palavra foi pregada que a capturou. Então, na música final, todo o encontro parecia crescer em louvores responsivos. Mesmo que o visitante não queira participar, ele viu por que se chegou aquele ponto.

Uma vez que o contexto lógico está ausente, isso gera problemas. Gritos repentinos, gritos e gemidos fora do fluxo do desenvolvimento da adoração são chocantes e extremamente desagradáveis. Anos depois de um trimestre particularmente cansativo e infrutífero no *campus*, finalmente incentivamos duas universitárias a comparecerem à nossa reunião. Ao ouvirem a palavra pregada e sentirem o calor amistoso de muitos santos, disseram à pessoa que as trouxe: “Encontramos nosso lar!”. Mas, no segundo encontro, elas se sentaram na frente de um homem que chamarei de “Garoto da Restauração”. O Garoto da Restauração não acredita que você possa estar no Espírito usando um tom de conversa. Quando ele se dirige para a reunião, mesmo que seja apenas de 50 pessoas, ele grita como se houvessem 50.000. E foi o que ele fez. De repente, durante um momento de reflexão mais branda em nossa reunião, Garoto da Restauração sentiu a necessidade de tocar seu espírito. Ele pulou, gritando até que seu rosto ficasse vermelho e as veias pulsassem. A provação durou mais ou menos um minuto excruciante. Depois que o berro

terminou, ele se sentou abruptamente e voltou a agir normalmente, como se não tivesse feito algo incrivelmente estranho. Alguns outros santos foram encorajados a se exercitar da mesma maneira. As duas garotas visitantes logo perceberam que não haviam encontrado seu lar, afinal. Mais tarde, elas não receberam os telefonemas ou e-mails de nenhum de nós. Risque nossos esforços para esse trimestre. Mas Garoto da Restauração conseguiu “apreciar seu espírito” naquele dia, o que para ele valia o custo de duas jovens almas.

Além de manter os louvores demonstrativos no contexto, também podemos considerar a possibilidade de limitar deliberadamente o nível do volume. Sim, podemos fazer isso sem ofender a Deus. A Bíblia nos diz que “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (1 Cor. 14:32). Nosso exercício espiritual em uma reunião é como uma televisão. O Espírito Santo transmite através de nós, no entanto, a cor, contraste, tom, canal e, sim, volume estão em nossas mãos. Convém lembrar que o volume não melhora a qualidade da imagem nem um pouco. Ajustar para baixo também não diminui.

Orar-Ler

Há muitos versículos bíblicos que implicam o princípio de combinar oração e Escritura. Como ato devocional, a oração com a leitura também está bem documentada na vida de muitos a quem o Senhor usou na história da igreja. Além disso, uma miríade de cristãos de pequenas batalhas pode testemunhar os inúmeros benefícios que obtiveram dessa disciplina espiritual.

O Movimento da Igreja Local apela corretamente à rica tradição de oração e Escrituras, mas promove um pacote chamado “Orar-Ler”. O termo é um pouco impróprio porque o “orar-ler” da Igreja Local não envolve nem oração nem leitura em qualquer extensão mensurável. A forma pública dele na verdade consiste mais em gritos e repetições animadas. Aqueles que se envolvem no orar-ler da Igreja Local experimentam resultados mistos. Em um nível, os praticantes mais intensos e sinceros desencadearão pelo menos uma explosão interna de sensações eufóricas. Isso eles frequentemente descrevem com entusiasmo como “o Espírito” ou “vida”. Tais determinações, eu tenho plena consciência, são subjetivas. Este exercício e outras centenas de pessoas igualmente peculiares poderiam levar alguém a um genuíno desfrute de Deus. No entanto, mesmo que a alegria sentida seja autêntica, voltamos ao dilema dos coríntios, que sentiram que a auto-satisfação espiritual era mais importante do que alienar os visitantes.

Outro nível de experiência associado ao orar-ler é encontrado entre as pessoas que o praticam nas reuniões apenas porque é uma prática estabelecida da Igreja Local. O moral e o incentivo de colegas fazem com que as pessoas se levantem aos dois e três zelosamente gritando alguma coisa. A soma do resultado total da prática com essa mentalidade: zero. É difícil dizer

que qualquer atividade do *status quo* pode facilmente levar uma pessoa à presença manifesta de Deus. É claro que a questão na mesa é por que continuar publicamente a prática se os efeitos benéficos dela são tão minúsculos e a possibilidade de afastar pessoas é tão alta.

Os novos praticantes do orar-ler geralmente caracterizam outra estação de experiência – a de se sentir completamente bobos. Talvez todos nós já vimos isso antes. “Carol” é a rara recém-chegada que se ateu e ignorou todas as peculiaridades que viu nas reuniões. Ela não participa quando todos começam a gritar frases do hinário ou palavras da Bíblia. Assim, um “encargo” começa a subir entre os santos para que ela “rompa” e toque seu espírito. Finalmente, depois de algum incentivo de longo prazo – persistente, ela começou a sentir – “Carol” grita algumas palavras de um versículo repetidas vezes, recebendo muitos “amens” exagerados daqueles que estão sentados ao seu redor. Depois, ela se senta sem jeito, sem sentir nada além de uma vaga sensação de humilhação por ter feito algo tão estranho.

Ao contrário de “Carol”, outros visitantes descobrirão que gostam do novo exercício. Mas, novamente, eles representam apenas a menor parcela. A maioria das pessoas que entra nas portas da igreja não possui personalidade nem vontade de participar de exercícios como o orar-ler da Igreja Local. Pressionando a questão sobre eles ou submergindo-os em uma atmosfera em que se sentem mal por não participar, levará à sua saída rápida.

Minha recomendação sobre a leitura com orações é simples. Na verdade, ore e leia. Orar é normal e ler a Bíblia é normal. Portanto, não é exagero sugerir a oração das palavras da Bíblia. Descobri que, onde introduzi essa disciplina espiritual, até mesmo os novatos criam facilmente. Eu sugiro fortemente deixar as formas incomuns relacionadas a gritar, enfatizar e repetir para o local de oração ou em pequenos grupos de santos que pensam da mesma forma que desejam dar um bom golpe espiritual.

Todo domingo, os buscadores frequentam igrejas de todos os tamanhos e formas, apenas para não serem pressionados, afetados e às vezes até ofendidos. Isto é uma realidade. Não podemos capturar os corações e mentes de todos, nem devemos tentar. Nessa busca foi que algumas congregações caíram em extremos liberais enquanto tentavam incorporar o que os pecadores “gostam” em suas reuniões. Quando se trata de conteúdo de crença, nossa fé fundamental e a vida dela devem permanecer invioláveis.

Mas há coisas que podemos fazer em nossas reuniões que aumentarão as chances de visitantes que desejam pela primeira vez retornar. Esses ajustes podem parecer limitantes para aqueles de nós que estão acostumados a fazer o que quisermos, independentemente de quem está na sala. No entanto, nem toda prática devocional é apropriada para exibição pública. Embora alterar formas arraigadas não seja fácil, isso pode ser feito com o tempo. Além do ensino, a ferramenta mais poderosa de mudança é o exemplo sensível e diplomático dado pelos líderes.

Quando os líderes notam claramente padrões peculiares, outros veem e serão incentivados a fazer o mesmo. O efeito a longo prazo serão as assembleias locais que se tornarão locais viáveis de crescimento.